

Nº 28 - SETEMBRO / DEZEMBRO 2017

**MAIS**  
**TMJB**

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

TEATRO MUNICIPAL  
**JOAQUIM**  
**BENITE**

**Helder Moutinho**

**História do Cerco de Lisboa**

**Jorge Palma**

**Manuel João Vieira**

**Nathan, o sábio**

**Ana Moura**

**O lago dos cisnes**



*Luis Vicente e Ana Bustorff em "História do Cerco de Lisboa"*

# Venha o Inverno

Nas duas produções que a Companhia de Teatro de Almada apresenta até ao fim do ano, em ambas se visita o século XII: *História do Cerco de Lisboa* parte do episódio da conquista de Lisboa aos mouros, e *Nathan, o sábio* passa-se na Jerusalém assediada pelos cruzados. Tanto no texto de Lessing como no de Saramago deparamo-nos com religiões em confronto – se bem que no romance do Nobel português o Cerco de Lisboa seja um mero pretexto para a assunção da revolta enquanto acto criador, e na peça do iluminista alemão se faça a apologia da tolerância, através do uso da Razão. São estes os temas que traremos à discussão até ao final do ano, nas *Conversas com o Público* que aí vêm.

Por outro lado, acolheremos também dois jovens criadores que se confrontam nos seus espectáculos com as memórias históricas dos seus países: André Amálio traz-nos um ciclo de três peças sobre a descolonização portuguesa, e o espanhol Pablo Fidalgo Lareo parte da sua própria família para tentar compor as páginas que ficaram por escrever da História da Guerra Civil Espanhola.

Até ao final do ano apresentamos ainda seis produções de teatro para a infância, e concertos de intérpretes como Helder Moutinho, Jorge Palma, Manuel João Vieira ou Ana Moura. No Natal, a Companhia Nacional de Bailado traz-nos o *Lago dos Cisnes*.

Já ultrapassámos a barreira dos 600 membros do Clube de Amigos do TMJB e – com o impulso das novas vantagens de pertencer a este Clube, que em breve anunciaremos – creio que poderemos crescer ainda mais. E saber que – apesar do Outono e do Inverno que hão-de vir – temos 600 amigos para partilhar estes 20 espectáculos até ao fim do ano insufla-nos o ensejo de vos recebermos (e surpreendermos) cada vez mais e melhor.

RODRIGO FRANCISCO

Nº 28 | SETEMBRO / DEZEMBRO 2017



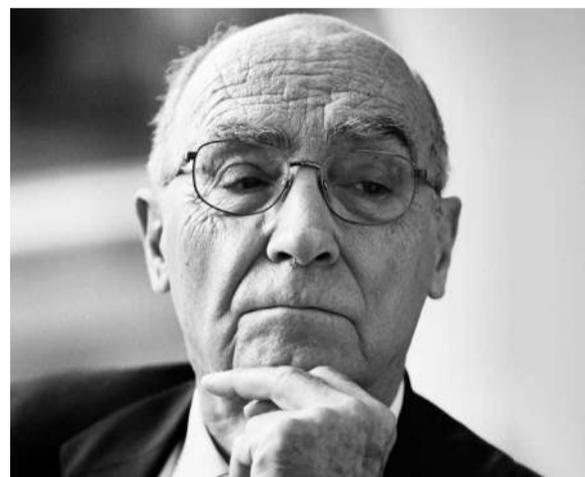
Colaboram neste número Ana Patrícia Santos, Ângela Pardelha, Manuela Nunes, Rodrigo Francisco e Sérgio Machado Letria Grafismo João Gaspar  
Fotografia de capa Rui Carlos Mateus  
Impressão Grafedisport, impressão e artes gráficas, SA Propriedade, distribuição e publicidade Companhia de Teatro de Almada, CRL

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada  
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt  
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada



# As histórias de uma História

A relação da Companhia de Teatro de Almada com a obra de José Saramago remonta a 1979, quando Joaquim Benite dirigiu *A noite* – era então o Nobel da Literatura português praticamente desconhecido do grande público. Seguiram-se *Que farei com este livro?* (1980 e 2007) e *Memorial do Convento* (1999). *História do Cerco de Lisboa*, estreada no Festival de Almada deste ano, é uma co-produção da CTA com a Companhia de Teatro do Algarve, a Companhia de Teatro de Braga e o Teatro dos Aloés, e dará um total de 37 representações em Almada, Amadora, Braga e Faro, entre Setembro e Novembro próximos. Dando eco ao espírito iberista de Saramago, a equipa criativa é portuguesa e espanhola: encenação de Ignacio García, adaptação de José Gabriel Antuñano, cenografia de José Manuel Castanheira, figurinos de Ana Paula Rocha e luz de Guilherme Frazão. Citamos as palavras de Saramago sobre *História do Cerco de Lisboa*, retiradas do volume *A estátua e a pedra*, resultado da transcrição de uma conferência que o Autor proferiu em Turim, em 1997.



chama *História do Cerco de Lisboa* e que ele está revidendo e cujo autor é um historiador, introduzir uma palavra que nega o que se supõe ser uma verdade histórica, e que efectivamente o é.

## A HISTÓRIA DOS QUE NÃO FICAM NA HISTÓRIA

Há aqui três histórias do Cerco de Lisboa: uma é o livro que eu escrevi, que se chama *História do Cerco de Lisboa*; outra é a *História do Cerco de Lisboa* dum historiador, que está sendo objecto da revisão e dos cuidados profissionais do revisor; e mais tarde haverá outra *História do Cerco de Lisboa*, que é a que o próprio revisor escreverá. A razão porquê, já a digo: irritado com a auto-suficiência dos documentos históricos e com a evidente falsidade de alguns deles, o nosso revisor, numa passagem da *História do Cerco de Lisboa* do historiador em que se diz que os cruzados ajudaram os portugueses a conquistar Lisboa, comete a ousadia, a barbaridade e o sacrilégio de introduzir a palavra “*não*”. E o que vai ser publicado é que os cruzados “*não*” ajudaram os portugueses a conquistar Lisboa: ou seja, a negação da chamada verdade histórica. Este episódio vem a ser descoberto, não tarda muito, pelo editor. E há ainda uma mulher (outra vez uma mulher) que conversa com o revisor sobre o erro que ele cometeu. Após um processo de sedução mútua, ela leva-o a escrever, ele próprio, uma *História do Cerco de Lisboa* em que os cruzados não tivessem efectivamente ajudado os portugueses a conquistar Lisboa. O que é que o autor, que sou eu, desta confusão toda quis dizer com isto? Também o autor não tem obrigação nenhuma, nem provavelmente se lho deva pedir, de revelar o que é que quer dizer com isto. Aquilo que eu pretendo dizer é precisamente o contrário daquilo que diria o romancista histórico. O romancista histórico faz romances históricos, e com este livro o que eu quero dizer é que a verdade histórica não existe. A História é uma grande fantasia, e a verdade histórica, não é que ela não exista, mas provavelmente existe num lugar inacessível, onde não é possível chegar. Ora bem, a negação da História de que fala este revisor de imprensa é a da História dita “oficial”, a dos governantes. Aquilo a que ele, no fundo, aspiraria seria narrar a história daqueles que não entram na História.

JOSÉ SARAGAMO

## CONVERSAS COM O PÚBLICO SOBRE “HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA”

Com Pilar del Río, Manuel Frias Martins, Miguel Real, João Tordo... e mais convidados

Sábados 14, 21 e 28 OUTUBRO às 18h



© Rui Carlos Matheus

# O ensaio sobre um “não”

Sérgio Machado Letria, co-director da Fundação José Saramago, recorda neste texto os antecedentes de *História do Cerco de Lisboa*, um espectáculo que vem coleccionando elogios desde a sua antestreia no último Festival de Almada. Para a imprensa espanhola, que acompanhou o Festival, este é “um grande espectáculo: emotivo, poético e educativo” (Artez Blai), com uma encenação que “dá asas cénicas à notável adaptação de José Gabriel Antuñano, obtendo momentos formidáveis e muito bem conseguidos” (ABC Cultural).

Quando em Julho de 2016 a Fundação José Saramago foi contactada pela Companhia de Teatro de Almada para conversar sobre a ideia de levar à cena um texto ficcional de José Saramago, a nossa primeira imagem foi a da extensa ligação do Prémio Nobel português àquela companhia de teatro. Dessa conversa saiu a decisão de transportar para os palcos um dos mais inquietantes romances de Saramago, que radica na importância da palavra não como motor de avanço pessoal, social e civilizacional: “O não é o que põe em causa, rejeita, questiona.” Romance com diversas linhas de leitura, *História do Cerco de Lisboa* nasce do momento em que um revisor literário, figura conservadora por excelência, decide acrescentar ao texto um não que leva os cruzados a não apoiar as tropas do rei português Dom Afonso Henriques na conquista de Lisboa. Desse episódio surgem as teias narrativas que conduzem ao nascimento de um novo romancista, o mesmo revisor, exortado por Maria Sara, directora literária dessa editora, a escrever a sua própria *História do Cerco de Lisboa*. Dialogando entre um presente e um passado histórico que deve sempre ser questionado, porque “a verdade histórica não existe. A História não é mais do que uma ficção. Quer dizer, uma ficção com mais dados, concretos, reais, mas também com muita imaginação”, a

*História do Cerco de Lisboa* de José Saramago questiona o relato do passado que muitos aceitam como verdadeiro, essa história que perpetua os nomes dos vencedores e dos que comandam, deixando no esquecimento os daqueles que, anónimos, contribuíram decisivamente para esses momentos. Uma marca que também se encontra noutras obras do Prémio Nobel português, como em *Memorial do Convento*, dando a personagens que nunca sairiam do anonimato o papel que lhes é merecido.

## ADAPTAR E PÔR EM CENA

À difícil tarefa de adaptar um romance com estas características, o trabalho de dramaturgia de José Gabriel Antuñano em diálogo com a encenação de Ignacio García deu a melhor resposta, mantendo as várias camadas do texto de José Saramago, ele próprio feito personagem da peça, deixando ao espectador muitas das suas ideias sobre a criação literária e sobre a sua visão do mundo. Construído em torno de um elemento único e central, uma espécie de biblioteca, com degraus que albergam livros, a cenografia, da autoria de José Manuel Castanheira, resultou no aliado perfeito para os vários momentos do espectáculo, ponto de partida para outros espaços ocupados pelo elenco de nove actores que assumem diferentes papéis, diferentes roupagens, fazendo comunicar o presente criado por Saramago no seu romance de 1984 com o passado, questionado e questionador, da Lisboa de 1147.

## ESCREVER PARA DESASSOSSEGAR

Num momento em que a criação artística continua a ser, em Portugal como em tantos outros locais do mundo, alvo de constantes estrangimentos orçamentais, por via de uma visão economicista de que a arte, nas suas diferentes expressões, significa apenas despesa e não receita, o facto de esta proposta ter chegado à Fundação José Saramago assinada por quatro colectivos de criação – ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, Companhia de Teatro de Almada, Companhia de Teatro de Braga e Teatro dos Aloés – foi outro dos factores que nos levou a dizer sim de imediato. E um ano depois dessa conversa em Lisboa, a *História do Cerco de Lisboa* atravessava o Tejo e chegava à outra margem, integrado na programação da 34.ª edição do Festival de Almada. Nos próximos meses, fará o seu percurso pelas casas das quatro companhias que nela trabalharam, levando as palavras de José Saramago, que afirmava “vivo desassossegado, escrevo para desassossegá-lo”. Deixemo-nos, com este espectáculo, desassossegados e saibamos questionar a história que nos é dada como verdade absoluta.

SÉRGIO MACHADO LETRIA

## HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA

12 OUTUBRO a 03 NOVEMBRO  
Quarta a Sábado às 21h  
Domingo às 16h



**Ignacio GARCÍA**

Licenciado em Encenação pela Real Escuela Superior de Arte Dramático de Madrid, foi distinguido com o Prémio Jovens Encenadores, atribuído pela Associação de Encenadores de Espanha, e no certame de criação cénica do Teatro Real de Madrid. Actualmente é programador do Festival Dramafest de Dramaturgia Contemporânea na Cidade do México, tendo já sido coordenador do Programa Saludarte, promovido pela Secretaria de Educação do Governo da mesma cidade. Foi adjunto da direcção artística do Teatro Español de Madrid. Já dirigiu espectáculos no Teatro María Guerrero, no Teatro Español de Madrid, no Teatro Lope de Vega de Sevilha, na Companhia Nacional de Teatro Clássico, no Centro Dramático Nacional, na Companhia Nacional de Teatro do México e em vários festivais internacionais.



# Ciclo Hotel Europa: a descolonização

ENTREVISTA COM ANDRÉ AMÁLIO

Num mundo marcado pelos discursos xenófobos de Donald Trump, pelos resgates de migrantes no Mar Mediterrâneo e pela pressão crescente da extrema-direita, André Amálio reflecte sobre o fim do colonialismo português numa série de três espectáculos – o último dos quais, *Libertação*, se apresenta em antestreia no TMJB. No entender do actor, encenador e investigador, Portugal tem de “descolonizar a maneira como conta a História”.

## Como é que se dá esta aproximação ao teatro documental?

O teatro documental pareceu-nos a forma mais interessante de reflectir sobre a História e sobre a memória. O nosso método de trabalho assenta sobretudo em testemunhos de pessoas que viveram os acontecimentos. O que nos interessa é perceber como é que a História influenciou a vida delas. Eu interessei-me muito por começar a trabalhar o fim do colonialismo português quando fui para fora. Comecei a ser confrontado com uma série de questões que eram diferentes da História que me contavam aqui, sobre como os portugueses tinham descoberto o Mundo. De repente começava a ser confrontado com um outro lado dessa História, que tinha a ver mais com a opressão colonial, com a exploração de povos durante séculos, com a escravatura. Em Londres, onde estudava, sentia-se um movimento pós-colonial muito forte e eu achava que nós ainda não estávamos, em Portugal, a falar seriamente sobre isso.

## Foi logo claro que resultaria num ciclo?

Quando comecei o projecto, pensei que iria ser apenas sobre os antigos colonos que ficaram denominados na nossa História por “retornados”. Mas, com o desenrolar da própria pesquisa, comecei a sentir necessidade de ouvir outras vozes. Não apenas do lado português. Enquanto *Portugal não é um país pequeno* consiste, sobretudo, nesse primeiro projecto de olhar para o colonialismo português e para as mudanças que

essas pessoas sofreram quando foram para África e depois quando voltaram, *Passa-porte* é sobre as independências e sobre essa escolha que elas tiveram de fazer entre “fico ou parto para Portugal”. O tema é a mudança de nacionalidade, e a fracção da identidade que muitas dessas pessoas sofreram: ainda hoje dizem que não são portuguesas. E também a forma como a sociedade portuguesa as recebeu, conforme fossem brancas ou negras, mulheres ou homens... Terminamos a nossa viagem agora no *Libertação*, em que o ponto central é ouvirmos as vozes dos colonizados, e olharmos para esta história do ponto de vista dos movimentos de libertação.

## Como é que é a experiência de ir ao encontro dessas pessoas?

O processo é apaixonante e passei por muitas experiências diferentes. Há uma necessidade enorme deste grupo de contar as suas histórias – tanto das pessoas deste grupo como dos seus filhos, a pós-geração, que é um dos temas que abordamos. Agora, de que forma é que estas memórias são transmitidas à minha geração e às gerações futuras, que não viveram aquele período, mas foram profundamente marcadas por aquela experiência? Normalmente, no final do espectáculo, tenho espectadores à minha espera para falar comigo, e muitos deles querem dar-me o seu testemunho. Por outro lado, senti um bocadinho de desconfiança por parte das pessoas que lutaram contra o colonialismo português, quando

as abordei. Acho que isso acontece porque os portugueses ainda contam uma versão “especial” da História. Ainda existe uma ideologia luso-tropicalista que está completamente presente.

## E as reacções ao espectáculo?

Nós temos esta ideia de um Portugal que, neste lado da História, é bastante conservador e que tem uma certa resistência a olhar este passado de uma forma diferente. Mas aquilo que tenho visto é precisamente o contrário – mesmo por parte daquelas pessoas que nós imaginávamos que seriam mais conservadoras, e que vieram de Angola e de Moçambique. Com estes espectáculos são surpreendidas por um olhar crítico, e esse murro no estômago fá-las rever a sua própria forma de olhar o passado.



**André AMÁLIO**

André Amálio é actor, encenador e professor de teatro e, nessa qualidade, tem criado espectáculos de teatro documental sobre temas como a identidade cultural e a história recente de Portugal. Formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema (Encenação e Formação de Actores) e pela Goldsmiths – University of London, encontra-se neste momento a concluir um doutoramento na Universidade de Roehampton. Participou em espectáculos dirigidos por Ajaykumar, Anna Furse, Antónia Terrinha, Francisco Alves, Giacomo Scalisi, Joana Craveiro, João Brites, Lúcia Sigalho, Luis Castro, Madalena Vitorino, Marie-Gabrielle Rotie, entre outros. Fundou com a artista checa Tereza Havlíčková a companhia Hotel Europa, que nos últimos anos apresentou *FÉ*, *KinoWaltz*, *Portugal não é um país pequeno* e *Passa-porte*.

## PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO

22 SETEMBRO  
Sexta às 21h30

## PASSA-PORTE

29 SETEMBRO  
Sexta às 21h30

## LIBERTAÇÃO

06 OUTUBRO  
Sexta às 21h



# “Perverteu-se a ideia de memória”

ENTREVISTA COM PABLO FIDALGO LAREO

O actor e encenador espanhol estreia-se em Almada em Novembro, com *Habrás de ir a la guerra que empieza hoy*, um espectáculo onde reconstrói a vida do seu tio-bisavô, exilado na Argentina na sequência dos embates entre republicanos e falangistas. Nesta entrevista, Pablo Fidalgo Lareo fala da sua conturbada relação com Espanha e do silêncio que pesa sobre a sangrenta guerra civil que este país viveu entre 1936 e 1939.

**Iniciou em 2013 uma investigação sobre a história da sua família que depressa se cruzou com a história de Espanha. Onde existem mais espaços em branco?**

Existem espaços em branco na História de Espanha e na das famílias. O que é grave é que esta guerra, esta ignorância acerca da História, continua a ter consequências na vida e no dia-a-dia da Espanha de hoje. As minhas peças são como uma necessidade de dizer contínua, excessiva, transbordante. Adoro abrir a peça com aquele verso fabuloso de Al Berto: “*Da rigorosa existência de papel nasce / a venenosa ansiedade das palavras*”. Gosto dos espaços em branco no poema, como em Stéphane Mallarmé e tantos outros, mas não na História.

**Incomoda-o, por exemplo, o silêncio em relação à Guerra Civil Espanhola. Está contra a versão oficial ou contra a actual desvalorização dos acontecimentos?**

Eu sei pelo que é que estou a favor: estou a favor de as pessoas poderem enterrear os seus mortos, estou a favor de que se alterem os nomes de todas as ruas com referências aos franquistas... Além disso, gosto muito daquela frase de Ricardo Piglia que diz que: “*A história é escrita pelos vencedores, mas são os vencidos que a contam*”. A direita espanhola é a mais ignorante, a mais animalasca e a mais brutal da Europa. Só estou contra a utilização da dor da guerra civil, inclusivamente na arte, e contra a manipulação das emoções.

**Um “teatro da memória” pode ajudar?**

Não sei se este é um teatro da memória. Em Espanha fizeram-se tantas coisas sobre a guerra civil e, na minha opinião, tão inúteis... Sempre se espectacularizou, sempre se brincou com os bons e com os maus, sempre se simplificou tudo, muito. E perverteu-se toda a ideia de memória histórica. O problema espanhol não é só a guerra civil, mas sim todo o período da ditadura, a falsa tradição, uma democracia muito relativa... Não se corrigiu nada, e nas escolas não se ensina a guerra civil.

**Como foi escrever a história de alguém que não conheceu?**

Foi imaginar tudo e também fazer um trabalho de investigação com as suas filhas, a sua neta, viajar até à Patagónia... Creio que o exílio, viver no estrangeiro, foi uma boa solução para muitos espanhóis progressistas e cultos. O melhor de fazer estas peças é o encontro com as pessoas.

**Como convivem, na sua família, as histórias de resistência e as daqueles que “não se posicionaram muito”, como contou em *O estado salvaxe, Espanha 1939*?**

Acho que não convivem. Na minha família, se alguma vez houve heróis, foi há muito tempo. Agora só há medo, silêncio e esquecimento, como na maior parte das famílias espanholas. Para mim, estas peças são apenas uma etapa e não as vejo propriamente como peças políticas. Penso que são peças relacionadas com a poesia e com

as contradições de uma vida, sobretudo quando se vive em ditadura.

**O que é que este espectáculo ganhou com a interpretação de Cláudio da Silva?**

Ganhou tudo. É uma peça que só ele poderia ter feito e encarnado. Para mim, o Cláudio é um ser de outro planeta, uma força da natureza. O seu desempenho no espectáculo, depois de já o ter interpretado 30 vezes, continua a fascinar-me.

**Que reacções tem obtido?**

Apresentámos esta peça em quatro países. A minha história com Espanha, como fica claro no espectáculo, é uma história de amor-ódio. Espanha custa-me muito e o público espanhol também. A peça esteve no Théâtre de la Ville e, além disso, foi eleita a melhor peça do ano em Portugal pelo jornal *Público*. Uma jornalista espanhola até disse que esta eleição era reveladora de quão mal tinha de estar o teatro em Portugal... Espanha continua a ter todos estes preconceitos em relação ao Mundo, que são insuportáveis. Claro que essa jornalista era de extrema-direita. Algum dia Espanha sairá do buraco, espero, mas eu conto vê-lo a partir de Lisboa ou de Almada!

**HABRÁS DE IR  
A LA GUERRA  
QUE EMPIEZA HOY**

**18 e 19 NOVEMBRO**  
Sábado às 21h | Domingo às 16h



**Pablo Fidalgo  
LAREO**

Nascido em Vigo, em 1984, é escritor, criador teatral e comissário independente. Publicou os livros de poemas *La educación física* (2010), *La retirada* (Prémio Injuve 2012) e *Mis padres: Romeo y Julieta*, publicado em Portugal pela Averno (2015). Uma antologia da sua obra foi publicada na Argentina com o título *Contra mí vivíamos mejor* (2014). Apresentou o seu trabalho em Espanha, Itália, França, Alemanha, Polónia, Cuba, Guatemala, México, Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Criou *O estado salvaxe, Espanha 1939* (2013) e participou no projecto PANOS com o texto *Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me* (Culturgest, 2015). Dirige o projeto MARCO Escena em Vigo e é director artístico do Festival Escenas do Cambio na Cidade de Cultura, Santiago de Compostela. Vive em Lisboa desde 2013.

# TEATRO PARA A INFÂNCIA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## OS GATOS

A partir de *O livro dos gatos* de T. S. Eliot  
Encenação de Teresa Gafeira



**SETEMBRO**  
Sábado 23 às 16h  
Domingo 24 às 11h

M/3

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## O BARBEIRO DE SEVILHA

A partir de Gioachino Rossini  
Encenação de Teresa Gafeira



**OUTUBRO**  
Sábado 14 às 16h  
Domingo 15 às 11h

M/3

RED CLOUD TEATRO DE MARIONETAS

## A MENINA QUE VENDIA FOSFOROS

A partir do conto de Hans Christian Andersen  
De Sara Henriques e Rui Rodrigues



**OUTUBRO**  
Sábado 28 às 16h  
Domingo 29 às 11h

M/3

TEATRO DA DIDASCÁLIA

## GUARDA MUNDOS

De Bruno Martins, Cláudia Berkeley  
e Luciano Amarelo  
Enc. de Bruno Martins



**NOVEMBRO**  
Sábado 11 às 16h  
Domingo 12 às 11h

M/6

CABEÇA DE VENTO

## CONTOS DE CARTÃO

Texto e encenação  
de Sara Leite



**NOVEMBRO**  
Sábado 25 às 16h  
Domingo 26 às 11h

M/4

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## VERDI QUE TE QUERO VERDI

A partir de Giuseppe Verdi  
Encenação de Teresa Gafeira



**08 a 17 DEZEMBRO**  
Sexta 08 e Sábados às 16h  
Domingos às 11h

SESSÕES ESPECIAIS PARA ESCOLAS  
Entre 04 e 15  
Dezembro

M/3

## OFICINAS AOS SÁBADOS

**07 e 21 OUTUBRO**  
das 15h às 17h  
**Pintar  
o Teatro Azul**

**04 e 18 NOVEMBRO**  
das 15h às 17h  
**Histórias inventadas,  
histórias desgovernadas**

**02 e 16 DEZEMBRO**  
das 15h às 17h  
**As obras de arte  
pensam?**

Faixas etárias

O primeiro dia de cada oficina: crianças entre os 5 e os 7 anos • O segundo dia de cada oficina: crianças entre os 8 e os 11 anos



© Pedro Calapez

# Três religiões – e uma Humanidade

***Nathan, o sábio*, a peça fulcral do iluminismo alemão, é criada pela primeira vez em Portugal pela CTA. Nesta “dramaturgia de ideias”, Lessing defende a tese de que, mais do que estabelecer qual das três religiões abraâmicas é a verdadeira, o que importa é acreditar “nesta ilusão em que judeus, cristãos e muçulmanos estão unidos”. O texto situa-se no século XII, em Jerusalém, e – apesar da tensão que envolve o enredo, com um desenlace inesperado – desenrola-se recorrendo a um apurado sentido de humor, que a belíssima tradução de Yvette K. Centeno respeitou.**

**N***athan, o sábio* é um libelo contra o anti-semitismo, um apelo à tolerância e à coexistência pacífica entre as três religiões monoteístas. A peça foi escrita como subterfúgio para fugir à censura, destinando-se apenas a ser lida. O próprio Lessing nunca pensou ver esta obra levada à cena e, de facto, as encenações só começaram a suceder-se a partir do século XIX. Daí para diante foi um sucesso, com excepção do período nazi. Depois de Auschwitz, a frase do Patriarca “*O judeu tem de ser queimado*” deixa de remeter para os tempos da Inquisição, ecoando um passado bem recente. O mesmo acontece a partir do 11 de Setembro de 2001. Sucedem-se numerosas encenações em todo o Mundo. De um modo geral, a tónica incide agora também numa imagem positiva do Islão, particularmente na possibilidade de um entendimento, embora esse entendimento ocorra num passado distante e seja remetido, na célebre parábola dos anéis, para um futuro ainda mais longínquo.

## **NATHAN, SALADINO E O TEMPLÁRIO**

Aliás, há uma agressividade latente na peça. A acção decorre no século XII, durante uma trégua efémera entre o Sultão Saladino e os cruzados. O judeu Nathan – um homem sábio e generoso, o oposto do protótipo do judeu de palco, avarento, vingativo e misantropo, que Shakespeare imortalizou na

figura de Shylock – encontra-se numa posição difícil, levando a cabo os seus negócios entre as duas frentes: ameaçado pelos cristãos – pelo Patriarca, que o quer mandar queimar – e pelos muçulmanos – por Saladino, que lhe arma uma cilada para lhe poder sacar um empréstimo. O judeu consegue impor-se primeiro pelo exemplo dos seus actos, pois adoptara e educara com o maior carinho Recha, uma criança cristã órfã, que lhe trouxeram acabara ele de perder a mulher e os sete filhos, massacrados pelos cristãos; segundo, pela eloquência, que culmina na parábola dos anéis, graças à qual Nathan conquista o respeito e a amizade do Sultão. A parábola sintetiza o pensamento de Lessing: a sua convicção da supremacia do comportamento ético, face à impossibilidade de acesso racional à verdade absoluta em matéria religiosa.

## **A RELIGIÃO NATURAL**

Na peça, o primado do comportamento moral manifesta-se nos actos dos representantes das três religiões, que contrariam o discurso religioso oficial, intolerante e inflexível. Como vimos, o judeu adopta uma criança cristã, Recha; o muçulmano, Saladino, indulta o cristão templário e este salva Recha, que toma por uma jovem judia. Estes actos, à primeira vista surpreendentes, ilustram uma solidariedade humana que se sobrepõe às fronteiras religiosas. Aliás é Recha, educada apenas na religião natural, quem põe literalmente o dedo na ferida ao perguntar “*Que espécie de Deus é esse*

*que precisa que se lute por ele?*”. Lessing joga com as expectativas do espectador coevo, habituado a uma dramaturgia em que as fronteiras entre a tragédia e a comédia mal começavam a diluir-se. *Nathan, o sábio* tem elementos tanto de tragédia – não é difícil imaginar um desenlace trágico em que o judeu seja condenado pelo Patriarca – como de comédia, pois ficamos na expectativa de um desenlace amoroso entre Recha e o Templário. Mas também não é o caso. O desenlace inesperado deixa-nos perante uma família bem diferente da família burguesa: uma família ideal, unida não só por laços de sangue, mas também por laços simbólicos de amor e respeito mútuos, só possíveis graças à sabedoria de Nathan e à tolerância posta em prática por Saladino. Uma ilusão? Uma utopia? A História ensinou-nos a desconfiar das utopias. Face aos conflitos que nos rodeiam, e ao futuro sombrio que se desenha no horizonte, tornou-se difícil crer numa alvorada de compreensão e respeito mútuos. Mas uma sociedade que prescindir de ideais é impensável. O palco é o lugar privilegiado para idealizarmos o progresso moral da humanidade, que continua tão distante como na época de Lessing. O seu texto, todavia, continua a fascinar os espectadores. | MANUELA NUNES

## **NATHAN, O SÁBIO**

**09 a 17 DEZEMBRO**

**Quarta a Sábado às 21h | Domingo às 16h  
Reposição: 12 a 28 JANEIRO 2018**



**Gotthold Ephraim  
LESSING**

Nasce em Janeiro de 1729 em Kamenz. Em 1746 ingressa na Universidade de Leipzig mas logo começa a frequentar o teatro, traduzindo peças francesas e escrevendo comédias. Acaba por se fixar em Berlim, vivendo exclusivamente da sua actividade literária como escritor, tradutor e crítico. Aqui, conhece vários escritores e também o filósofo Moses Mendelssohn (1729-1786), que irá inspirar a figura de *Nathan, o sábio*. Depois de uma curta passagem por Berlim, é convidado, em 1767, para exercer as funções de dramaturgo e crítico no projecto para fundar um Teatro Nacional Alemão em Hamburgo. *A Dramaturgia de Hamburgo* é o resultado desta actividade crítica. Todavia, o projecto falha e, em 1770, assume o posto de bibliotecário em Wolfenbüttel. Aí escreve o drama burguês *Emilia Galotti* (1772). Morre em 1781 em Braunschweig.

# RESTAURANTE DO TEATRO



O Restaurante do Teatro Municipal Joaquim Benite propõe uma cozinha de qualidade a preços verdadeiramente populares! A sala, com capacidade até 100 pessoas, pode receber jantares de grupos e festas de vários tipos.

No centro de Almada, a preços económicos, e com a qualidade e o conforto proporcionados por um dos mais modernos edifícios da Cidade, o Restaurante do TMJB é mais um dos Serviços que este Teatro proporciona à população.

#### HORÁRIO:

ALMOÇOS | Terça a Domingo das 12h às 15h

JANTARES | Terça a Sábado das 19h às 21h30

Menu Almoço..... 6€

*prato do dia + bebida + café*

Menu Jantar..... 9€

*pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café*

Menu Clube de Amigos..... 7,5€

*pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café*

Menu Teatro..... 14€

*Menu Jantar + espectáculo da CTA*

Os membros  
do Clube de Amigos  
têm direito aos  
seguintes descontos:

Produções da CTA: entrada gratuita  
e 50% de desconto para os acompanhantes

Espectáculos acolhidos: 50% de desconto  
e 30% de desconto para os acompanhantes

Menu de refeição completa por 7,5€  
no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições  
da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas  
para o Festival de Almada

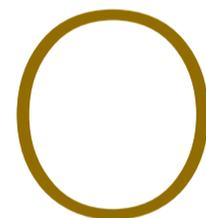
Exclusividade na reserva de bilhetes  
para os espectáculos acolhidos

# CLUBE DE AMIGOS DO TMJB



# A solo para o Mundo

Até ao final do ano, o TMJB acolhe três concertos a solo. Jorge Palma regressa para um concerto acústico, que assinala os seus 45 anos de carreira, e Ana Moura apresenta-se na Sala Principal, concluindo uma digressão que já passou por três continentes. No próximo fim-de-semana, Helder Moutinho folheia *O manual do coração*, o disco que lançou em 2016 e que a crítica saudou como “*um álbum de absoluta mestria no desenho dessa sonoridade fadista que não se esforça por soar a fado*” – e que é escrito integralmente por João Monge.



fado está duplamente presente na recta final da programação do TMJB para 2017, com o concerto de Helder Moutinho a marcar a *rentrée* e com o de Ana Moura a prometer encher a Sala Principal uma semana antes da noite de *réveillon*.

Pelo meio, Jorge Palma regressa à Margem Sul – cerca de um ano depois de ter sido o motor de uma das enchentes do Festival de Almada de 2016, com uma actualização que juntou famílias e fãs solitários ao som de *Dá-me lume* e *Encosta-te a mim*.

## CUMPLICIDADE E TEMPO

Helder Moutinho estreia-se no TMJB com um novo disco na bagagem. *O manual do coração* veio a lume no final do ano passado e é apenas o quinto álbum que o fadista lança em mais de vinte anos de carreira. O gesto reveste-se, assim, de uma solenidade inaudita nos dias que correm. Dir-se-á que as palavras tiveram tempo de amadurecer nos ramos, antes de serem colhidas e dadas a provar. O tempo é, de resto, pedra-de-toque no percurso daquele que, ao contrário dos seus irmãos Camané e Pedro Moutinho, ainda tentou “*resistir ao fado*”. Antes de começar a cantar publicamente no Nonó do Bairro Alto, em 1994, com 24 anos de idade, Helder Moutinho trabalhou numa farmácia, numa empresa de brindes publicitários e no Euroclube. Fez a tropa, foi socorrista, correu Lisboa como

estafeta e serviu como empregado de mesa no Hotel Embaixador e em restaurantes e casas de fado. Foi pela mão de Beatriz da Conceição que deixou a sombra e encarou a ribalta. Hoje, não só tem a sua própria casa de fados – a Maria da Mouraria –, como acaba de lançar um disco integralmente escrito com a cumplicidade de João Monge, com quem já colaborara em *1987* (2013). “*Nessa altura apercebi-me de que ele preferia escrever um disco inteiro, mais do que canções soltas*”, explicou o fadista. “*E ele disse-me que, no momento em que eu quisesse, durante um ano não faria nada a não ser escrever para mim*.” O resultado é uma “*coleção de contos*”, interpretada por uma voz que, no entender do crítico da *Time Out* António Pires, “*atinge aqui momentos sublimes*”.

## FELIZ ANIVERSÁRIO

Ao fim de 45 anos de carreira, e 13 álbuns de originais depois, Jorge Palma dispensa apresentações. 2017 tem sido um ano de grande azáfama para o compositor e intérprete, com os concertos comemorativos dos 25 anos da colectânea *Só* (1991) e, mais recentemente, com a aproximação da data dos dois concertos que tem vindo a preparar para os coliseus de Lisboa e do Porto, na companhia da Orquestra Clássica do Centro e sob a batuta do maestro Rui Massena. Sem querer, o concerto em Almada, agendado para o próximo dia 11 de Novembro, também se insere nas comemorações da efeméride. Fá-lo, porém, num

formato acústico e intimista, diferente de ambientes por onde o músico também já passou, como o Meo Sudoeste ou o Rock in Rio. Neste concerto, que alimenta uma relação antiga e regular com Almada (não tivesse Jorge Palma assinado a direcção musical do espectáculo *Aos que nascerem depois de nós*, com canções encenadas de Bertolt Brecht e cuja estreia aconteceu no Festival de Almada de 1998), o cantautor promete visitar os temas mais emblemáticos de um percurso que começou em 1972 com o *single* “*The Nine Billion Names of God*” e que descolou nas ruas, passou pelo estrangeiro, somou distinções e conjugou, desde o início, a sua aptidão ao piano com a influência do *rock*, do *ragtime* e do *blues*. Entretanto, não se prevêem paragens no caminho. Há um novo álbum de originais na calha – e quem sabe se a ponta do véu não é levantada em Almada.

## A CEREJA NO TOPO DO BOLO

Ana Moura é a protagonista do último concerto da temporada. Estreia-se no TMJB no âmbito da digressão mundial com a qual tem vindo a divulgar o seu último trabalho e que se prepara para perfazer em breve o impressionante total de uma centena de actuações. Depois de *Desfado* (2012) – o disco mais vendido da última década, em Portugal, e o principal responsável pela ascensão meteórica da fadista –, *Moura* (2015) repete, a vários níveis, a receita de sucesso do anterior. Nele, não só se mantém a colaboração com o produtor norte-

-americano Larry Klein, como se aposta no talento de alguns dos mais notáveis letristas e compositores do momento – e tudo isto sem evidenciar o mais pequeno preconceito sobre que fado é o genuíno, o português, o verdadeiro. Na verdade, Ana Moura não se cansa de lhe descobrir o(s) rosto(s). Na sua voz, o fado dança-se. Na sua voz, o fado é doloroso e extrovertido – como, aliás, estipula aquele arrazoado jogo de antónimos, antíteses, paradoxos e oxímoros que lhe tenta fixar o ADN. Falamos, obviamente, desse tema, tão popular, que dá pelo nome de “*Desfado*”. Dois anos depois do seu lançamento, *Moura* conseguiu atingir novamente o primeiro lugar no *top* de vendas e a terceira platina, fazendo da fadista uma das mais bem bem-sucedidas da sua geração, com mais de 300.000 discos vendidos. Vai querer perder a cereja no topo do bolo? | ÂNGELA PARDELHA

## HELDER MOUTINHO

23 SETEMBRO  
Sábado às 21h30

## JORGE PALMA

11 NOVEMBRO  
Sábado às 21h

## ANA MOURA

22 DEZEMBRO  
Sexta às 21h



© Rogério Machado

# “Vivemos rodeados de icebergues”

ENTREVISTA COM MANUEL JOÃO VIEIRA

As facetas de Manuel João Vieira são muitas e conhecidas. Para além de artista plástico e músico, é professor, candidato reincidente à Presidência da República e programador do Titanic Sur Mer, um espaço no Cais do Sodré que cumpre o seu prometido regresso à noite lisboeta depois do saudoso Maxime. Ao *MaisTMJB*, Manuel João Vieira falou sobretudo das três performances que traz ao Café-Concerto do TMJB entre Novembro e Dezembro.

**Toma conta do café-concerto do TMJB com *Titanic Monster Show*, *Fados do Lello Perdido* e *Corações de Atum*. Espera surpreender pela constância ou pela diferença?**

É uma boa pergunta. Os projectos são realmente muito diferentes. O *Titanic Monster Show* é um projecto desenvolvido, como o próprio nome diz, no Titanic Sur Mer. É uma espécie de *cabaret* nativo que tem uma parte de teatro, uma parte de grotesco e uma parte de burlesco.

**Tem que ver com os tempos do Maxime?**

Sim, tem a ver com várias componentes de coisas que fizemos no Maxime. Tem uma espécie de *freak show*, mais ou menos humorístico; uma parte de dueto de comédia; uma parte das miúdas, que fazem aqueles números; uma parte de canção; e uma parte de circo também. E não vamos poder fazer um *cabaret* como fizemos no Titanic, com as coisas todas... Portanto, vamos tentar fazer um mini-cabaret de bolso. A ideia do fado começou nas noitadas, quando ainda havia, na Rua do Johnny Guitar, um sítio chamado *O truque*. *O truque* tinha bailarinas exóticas, como se costuma dizer de uma maneira eufemística, e depois, no meio daquilo, tinha um número de fado. Eu tinha aqueles fados que já tinha editado com os Irmãos Catita, e conhecia mais alguns, e comecei a cantar aquilo. Quer dizer, não sou um fadista, porque para ser fadista teria de cantar de outra maneira e ter talvez um coração de fadista – uma alma ou

um espírito, qualquer coisa... Macumba. E não tenho isso. Mas sempre achei piada ao fado e, a partir daí, é um vício cantar o fado. Talvez grave um disco.

**E em relação aos *Corações de Atum*?**

Os *Corações de Atum* são uma banda de jazz. Publicámos um disco recentemente chamado *Romance Hardcore*. Isto é, são dois discos: num são músicas maravilhosas de amor e noutro são músicas também maravilhosas, mas têm palavras obscenas. Hardcore. Comecei a perceber que há, de facto, uma ambivalência neste repertório que acabei por desenvolver, e que estou a desenvolver há imenso tempo, e comecei a ficar um bocadinho cansado de fazer só músicas obscenas... Fiz um disco com o maestro Shegundo Galarza, chamado *Corações de atum*, em que cantávamos músicas de filmes portugueses e algumas traduções para português de músicas célebres. Os *Corações de Atum* surgiram da necessidade de arranjar uma banda – porque entretanto faleceu o maestro – para avançar com essas canções. Só que, como a banda era de jazz, a linguagem acabou por ser uma linguagem jazz.

**Faz sentido dizer que todos os outros projectos musicais que alimentou depois são estilhaços dos Ena Pá 2000?**

O primeiro estilhaço, que foram os Irmãos Catita, começou numa altura em que o núcleo duro dos Ena Pá 2000, que não eu próprio, queria ser mais rock e, portanto, ter

menos aquelas músicas tipo *Menina Azul*. E eu, como reacção a essa demarcação, fiz um disco dos Ena Pá 2000 mais rock e resolvi fazer um grupo com música mais portuguesa / europeia / anos 60 / *neokitsch*. Depois, a partir daí, veio um bocadinho talvez do meu problema em fazer um disco a solo. Quero fazer coisas diferentes mas, em vez de fazer um disco a solo porque não me apetece, arranjo uma banda.

**Como corre a aventura à frente do Titanic Sur Mer?**

O que eu posso dizer é que, quando um navio se afunda, o capitão afoga-se com o navio e os ratos são os primeiros a sair. Não tenho mais comentários a fazer... E, apesar do aquecimento global, vivemos rodeados de icebergues por todos os lados.

## TITANIC MONSTER SHOW

17 e 18 NOVEMBRO  
Sexta e Sábado às 22h

## FADOS DO LELLO PERDIDO

24 e 25 NOVEMBRO  
Sexta e Sábado às 22h

## CORAÇÕES DE ATUM

01 e 02 DEZEMBRO  
Sexta e Sábado às 22h



## Manuel João VIEIRA

Estudou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde foi aluno do seu pai, o pintor João Rodrigues Vieira. Em 1983 foi um dos fundadores do Grupo Homeostético, ao lado de Fernando Brito e Pedro Proença, entre outros. Expõe regularmente deste então, em exposições individuais e colectivas, tendo assinado recentemente o cartaz do 31.º Festival de Almada (2014). Fundou as bandas Ena Pá 2000, Irmãos Catita e *Corações de Atum* (que integra como vocalista) e tem vindo a interpretar pontualmente personagens paralelas, como *Orgasmo Carlos* e *Lello Perdido*. Participou ainda em longas-metragens e séries televisivas. Tentou candidatar-se à Presidência da República nas três últimas eleições que se realizaram em Portugal.



© Bruno Smito

# O lago dos cisnes

ENTREVISTA COM PAULO RIBEIRO

**O MaisTMJB foi conversar com Paulo Ribeiro, que sucedeu este ano a Luísa Taveira como director artístico da Companhia Nacional de Bailado. Para além de nos falar do bailado *O lago dos cisnes* (numa versão de Fernando Duarte), que nos visita em Dezembro, o coreógrafo deixou-nos algumas impressões relacionadas com o cargo que assumiu, bem como a sua perspectiva para o futuro da CNB: um dos parceiros do TMJB desde a abertura deste teatro.**

**Afirmou ao jornal *Público* que, com a passagem do Teatro Viriato para o Teatro Camões, tinha a impressão de ter passado de uma traineira para um petroleiro.**

Então não é? No princípio, quando comecei no Teatro Viriato, em Viseu, também havia muita coisa que me ultrapassava. Ainda por cima, o facto de chegar a uma cidade que não conhecia não me facilitou o trabalho. Em Viseu não existia uma oferta cultural consequente e regular havia mais de 40 anos. Era um vazio enorme. E foi uma grande descoberta também. Os bailarinos deixaram-me todos; não queriam ir para Viseu. Tive de refazer a minha companhia. Foi realmente muito intenso. Mas essa intensidade é completamente diferente, aqui em Lisboa. Pode tentar explicar-se da seguinte maneira: é como passar de uma casa de 20 pessoas para uma casa de 150. A dimensão é outra, completamente distinta.

**Ultrapassado o momento de “tomar o pulso à casa”, o que é que podemos esperar do futuro?**

Há um trabalho de continuidade a desenvolver. O legado da Luísa Taveira é muito interessante, porque concilia um repertório muito vasto de obras clássicas, modernas e contemporâneas, com um trabalho paralelo no que diz respeito à sensibilização. Não há nenhuma revolução a fazer na CNB. Há, sim, uma evolução. A notoriedade desta companhia é importante,

mas pode ser ainda maior e mais visível. A CNB deve ser acarinhada como a pedra preciosa que temos neste País, no que respeita à dança.

**Como é que o repertório clássico irá conviver com as novas criações que se adivinham?**

A maior parte dos bailarinos da companhia tem essa capacidade, de poder dançar repertório clássico e contemporâneo. A CNB tem de sair de dentro do território nacional, mas não se consegue vender esta companhia sem um trabalho contemporâneo. As concorrências internacionais são fortíssimas e há pessoas que só fazem isso e que criam uma espécie de “*enlatados clássicos*” russos, uma espécie de *prêt-à-porter*. Ora, essa não pode ser a vocação da CNB, que tem um olhar para a dança muito mais sério.

**O que distingue esta versão d’*O lago dos cisnes*?**

É uma versão de autor: um olhar próprio sobre um clássico, com uma coreografia clássica completamente feita pelo Fernando Duarte. Aliás, o espectáculo inclui um vídeo do Edgar Pêra. O Fernando Duarte é um criador que tem uma musicalidade muito própria, muito forte, e que gosta de fazer coreografias bastante complexas. Trata-se de reencontrar *O lago dos cisnes*: um bailado que funcionou muito bem e que teve muito sucesso na estreia, em 2014. Cada vez que uma peça é remonta-

da, normalmente é melhorada, uma vez que limpamos as pequenas coisas que, numa estreia, mais facilmente deixamos passar.

**Acredita haver espaço para uma colaboração mais alargada com os teatros municipais a partir de 2018, nomeadamente com as criações já anunciadas (de Tânia Carvalho e Sasha Waltz)?**

Há espaço para tudo, porque é assim que a CNB deve funcionar. Quer dizer, a companhia tem de circular, mas também tem de fazer receitas. Nesse aspecto é uma companhia como qualquer outra. Precisa de obter receitas que lhe permitam continuar a produzir novas obras e a convidar esses coreógrafos que mencionou, por exemplo.

**A remontagem de *Masurca Fogo*, de Pina Bausch, sempre se concretizará?**

Pois... São negociações que estão a ser feitas. Vai demorar tempo, tal como a concretização dos convites a uma série de outros coreógrafos estrangeiros, como a Crystal Pite, os Peeping Tom, ou o próprio Édouard Lock. Mas dado o *feedback* que tive e a agenda preenchidíssima da companhia da Pina Bausch, não me parece que essa remontagem possa acontecer antes de 2020.



© Carlos Fernandes

**Paulo RIBEIRO**

Nascido em Lisboa há 58 anos, Paulo Ribeiro estreou-se como coreógrafo em Paris, em 1984, e durante alguns anos fez carreira em companhias belgas e francesas, antes de voltar a Portugal para trabalhar com o Ballet Gulbenkian, extinto em 2005. É considerado um dos nomes principais da geração da Nova Dança Portuguesa e criou a própria companhia em 1995. Entre 1999 e 2003 dirigiu o Teatro Viriato, em Viseu, no qual a Companhia Paulo Ribeiro tem residência permanente. Foi também director artístico do Ballet Gulbenkian entre 2003 e 2005, tendo regressado a Viseu em 2007, aí se mantendo até à mais recente nomeação como director artístico da Companhia Nacional de Bailado. Tomou posse a 7 de Novembro do ano passado, sucedendo assim a Luísa Taveira.

**O LAGO DOS CISNES**

**29 e 30 DEZEMBRO**  
Sexta e Sábado às 21h

# SETEMBRO – DEZEMBRO 2017

HOTEL EUROPA

## PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO

De André Amálio

**22 SET**

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## OS GATOS

A partir de *O livro dos gatos* de T. S. Eliot  
Encenação de Teresa Gafeira

**23 e 24 SET** PARA A INFÂNCIA

## HELDER MOUTINHO

**23 SET**

HOTEL EUROPA

## PASSA-PORTE

De André Amálio

**29 SET**

COMPANHIA DE DANÇA DE ALMADA

## COEVOS

Coreografias de Carla Jordão,  
Luís Marrafa e Ricardo Ambrózio

**29 e 30 SET** CRIAÇÃO

HOTEL EUROPA

## LIBERTAÇÃO

De André Amálio

**06 OUT**

ACTA – A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE,  
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA, COMPANHIA  
DE TEATRO DE BRAGA e TEATRO DOS ALOÉS

## HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA

A partir de José SARAMAGO  
Encenação de Ignacio GARCÍA

**12 OUT a 03 NOV** CRIAÇÃO

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## O BARBEIRO DE SEVILHA

A partir da ópera de Gioachino Rossini  
Adaptação e encenação de Teresa Gafeira

**14 e 15 OUT** PARA A INFÂNCIA

RED CLOUD TEATRO DE MARIONETAS

## A MENINA QUE VENDIA FÓSFOROS

A partir do conto de Hans Christian Andersen  
Criação de Sara Henriques e Rui Rodrigues

**28 e 29 OUT** PARA A INFÂNCIA

TEATRO DA DIDASCÁLIA

## GUARDA MUNDOS

Criação de Bruno Martins,  
Cláudia Berkeley e Luciano Amarelo  
Encenação de Bruno Martins

**11 e 12 NOV** PARA A INFÂNCIA

## JORGE PALMA

**11 NOV**

## TITANIC MONSTER SHOW

**17 e 18 NOV**

MATERIAIS DIVERSOS

## HABRÁS DE IR A LA GUERRA QUE EMPIEZA HOY

Texto e encenação de Pablo Fidalgo Lareo

**18 e 19 NOV**

## FADOS DO LELLO PERDIDO

**24 e 25 NOV**

CABEÇA DE VENTO

## CONTOS DE CARTÃO

Texto e encenação de Sara Leite

**25 e 26 NOV** PARA A INFÂNCIA

## CORAÇÕES DE ATUM

**01 e 02 DEZ**

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## VERDI QUE TE QUERO VERDI

A partir de Giuseppe Verdi  
Encenação de Teresa Gafeira

**08 a 17 DEZ** PARA A INFÂNCIA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

## NATHAN, O SÁBIO

De Gotthold Ephraim Lessing  
Encenação de Rodrigo Francisco

**09 a 17 DEZ** CRIAÇÃO

## ANA MOURA

**22 DEZ**

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

## O LAGO DOS CISNES

Música de Tchaikovski  
Filme de Edgar Pêra  
Coreografia de Fernando Duarte

**29 e 30 DEZ**

## ...E ATÉ PLATÃO TINHA UM CORPO...

De Luís Miranda

**Até 01 OUT**

## CORRER O RISCO

De João Gaspar

**14 OUT a 30 DEZ**

EXPOSIÇÕES

# TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

INFORMAÇÕES E RESERVAS:  
Av. Prof. Egas Moniz – Almada  
Tel.: 21 273 93 60  
geral@ctalmada.pt  
www.ctalmada.pt